

OS MERCADOS MUNICIPAIS NA REGIÃO DO VALE DO PARAÍBA: DINÂMICAS E TRANSFORMAÇÕES NO CONTEXTO URBANO

Cláudia Maria de Moraes Santos
Universidade do Vale do Paraíba
clagimoraes@gmail.com

Valéria Zanetti
Universidade do Vale do Paraíba
vzanetti@univap.br

RESUMO:

O surgimento dos mercados municipais é datado a partir do final do século XIX, marcando significativamente importantes momentos da vida da cidade e de sua população. O artigo visa compreender as dinâmicas ocorridas nos mercados municipais de seis cidades paulistas da região do Vale do Paraíba e Litoral Norte (São José dos Campos, Taubaté, Jacareí, Pindamonhangaba, Guaratinguetá e Caraguatatuba), todas com população superior a cem mil habitantes. Busca-se tratar o mercado como um lugar de memória e tradição, fortalecido por aspectos significativos da história destes espaços, cujas transformações da paisagem acompanharam a expansão do fenômeno urbano. Por meio do estudo da organização do espaço metropolitano e dos estudos bibliográficos e de campo.

Palavras-chave: Lugar, Fenômeno Urbano, Tradição.

GT 4 - Economia urbana, trabalho, comércio e consumo

1 INTRODUÇÃO

A paisagem urbana do Vale do Paraíba paulista pode ser observada pelas transformações que ocorreram ao longo do tempo. Em 1960, a região “era compreendida pela bacia do rio Paraíba, possuía 40 núcleos urbanos, 31 cidades e 9 vilas, sua população urbana era de 344.455 habitantes, correspondendo a 4,2% do total do Estado de São Paulo” (MÜLLER, 1969, p. 01). Em 2012, o cenário era outro daquele de 1960, quando foi criada a Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, composta por 39 municípios, divididos em cinco sub-regiões. Sua população atual, 2.528.345 habitantes, corresponde a 5,5% do total Estado de São Paulo.

Para entender a expansão urbana dessa região, Nestor Goulart Reis e Júlio Cláudio da Gama Bentes (2016) afirmam os processos dela decorrentes são socialmente relevantes, pois a urbanização assume formas complexas em ritmos acelerados, nas diversas escalas espaciais.

Em meados do século XX o fenômeno da urbanização ocorreu em muitos países desenvolvidos, pois estiveram na vanguarda das revoluções industriais. Paralelamente a este fenômeno, neste mesmo período, no Brasil, este cenário de investimento global, como é caracterizado o início do capitalismo, ainda não se manifestava. Conseqüentemente, o denominado Setor de Subsistência (SS), até então, destacava-se como provedor de abastecimento, principalmente alimentar, para o meio urbano (SINGER, 1932).

No final do século XX há uma apropriação do território brasileiro, fenômeno urbano se dá pela ampliação das fronteiras econômicas, pelo recuo da natureza e pela ocupação das áreas urbanas, aumentando a densidade humana no território. De acordo com Milton Santos e Maria Laura Silveira (2006), "ainda que sua distribuição seja desigual, há, em uma porção considerável, do tamanho do território, maior densidade técnica, acompanhada de maior densidade informacional". De acordo com Reis (2006), esse fenômeno fez com que as pessoas migrassem para as cidades ou residissem em cidades médias e trabalhassem no campo. Esta tendência pode ser constatada em várias regiões do Brasil, dentre elas, a região do Vale do Paraíba no eixo Rio-São Paulo:

'O setor rural se esgotava em termos demográficos mas não em termos econômicos. Em contrapartida atividades tipicamente urbanas deslocavam-se para o campo, dispendo-se ao longo dos grandes eixos de transporte ou dando origem a uma série de pólos, separados entre si por áreas de atividade rural, cujos trabalhadores estariam residindo nas cidades (REIS, 2006. p 22).

O processo de urbanização do Vale do Paraíba, segundo Nice Lecoq Müller, (1969) se deu a partir de períodos históricos reconhecidos, pois a região constituía-se uma das mais antigas áreas de ocupação do Estado. As fases analisadas pela autora foram: do devassamento (século XVII),

do "ciclo do ouro" (século XVIII), do "ciclo do café" (século XIX) e da industrialização (século XX).

A região do Vale do Paraíba paulista se tornou um polo dinâmico em meados do século XIX graças à produção do café, incluindo-se nesse setor o desenvolvimento das regiões do estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Milton Santos (1993) afirma que "as mudanças ocorridas foram tanto nos sistemas de engenharia (materialidade), quanto no sistema social. A implantação de estradas de ferro, a melhoria dos portos, a criação de meios de comunicação atribuem uma nova fluidez potencial a essa parte do território brasileiro" (SANTOS, 1993, p. 26).

Considerada como interior do estado de São Paulo, a Região do Vale do Paraíba teve seu período de urbanização marcado primeiramente por meio da intensificação do comércio das atividades agrárias e, posteriormente, ao final do ano de 1970, pela industrialização. Esse processo contribuiu para a dissociação figurativa da região como lugar do atraso, do domínio da roça e do Jeca-Tatu (LENCIONI, 2004).

Neste contexto, alguns municípios da região se destacaram e tiveram um alto índice de crescimento populacional, que se expressa até os dias atuais. Nesse estudo foram elencados para estudo seis dos 39 municípios da região com uma população superior a cem mil habitantes. São eles: São José dos Campos, Taubaté, Jacareí, Pindamonhangaba, Guaratinguetá e Caraguatatuba.

O estudo tem como objetivo recolher informações referentes à instalação dos mercados municipais das referidas cidades, com o intuito de levantar dados relevantes ao surgimento destes espaços e a sua importância como lugar que surge com o propósito de organizar o abastecimento de alimentos, estabelecendo um contato regulador entre o urbano e o rural. Procura-se entender o mercado além da sua atividade de abastecimento e de concentração e venda de alimentos. Busca-se, sobretudo, refletir como, ao longo dos anos, o mercado se tornou um espaço de memória e tradição, fortalecido por aspectos significativos da história das cidades. O estudo visa entender como o mercado acompanhou as transformações da paisagem, provocadas pelo fenômeno urbano, marcadas pelas mudanças e dinâmicas no desenvolvimento destas cidades valeparaibanas.

Para a elaboração desse estudo, realizou-se, inicialmente, uma análise bibliográfica com base nos conceitos de Organização do Espaço Metropolitano para aprofundamento teórico-conceitual da temática. Adotou-se uma metodologia reflexiva, de caráter exploratório, com base em pesquisa qualitativa e documental, apoiada nos conceitos de desenvolvimento da cidade, para posterior análise sobre o fenômeno da urbanização e suas consequências para a implantação dos mercados

nas seis cidades recortadas para análise da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN). Além da consulta em material disponibilizados pela Emplasa e pelo IBGE, foram acessados os websites da administração pública dos seis municípios.

2 O FENÔMENO DA URBANIZAÇÃO NOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO METROPOLITANA DO VALE DO PARAIBA E LITORAL NORTE

A Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte está localizada no eixo São Paulo-Rio de Janeiro. Em sua abrangência somam-se as áreas ao longo do Rio Paraíba do Sul e, também, as encostas das Serras da Mantiqueira e do Mar.

Em seus estudos, Müller (1969) afirma que foi no século XVII que se processou seu devassamento e teve início o processo de povoamento, mas poucas são as informações disponíveis sobre as aglomerações fundadas. Sabe-se que, neste período, não houve uma economia produtiva significativa, restringindo-se os bandeirantes a realizar o apresamento de índios e a busca do ouro nos “sertões” da região. A vida regional se desenvolvia à base de uma economia de subsistência. Até o século XVIII, a falta de estradas dificultou a expansão dos aglomerados urbanos mantendo-se uma forte concentração da população em meio rural. Apesar da vida urbana relativamente restrita, os aglomerados tiveram certo desenvolvimento neste século. Apesar da cafeicultura expandir na região, no século XIX, a situação dos núcleos urbanos se mantiveram como no período anterior (MÜLLER, 1969). Somente a partir da passagem da terceira para a quarta década (1828-1830) é que a região cresceu e diversificou as funções dos centros urbanos. É no fim deste período que a fase de expansão do café tornou as cidades menos "ruralizadas". Müller (1969) afirma que, na fase de produção máxima do café na região (1836-1886), a situação dos centros urbanos era extremamente variável:

Alguns davam impressão de progresso, como Taubaté, Lorena, Guaratinguetá, Jacareí, Pindamonhangaba e Areias; Silveiras e Bananal pareciam estacionários; outros, como São José dos Campos, Aparecida e Queluz, não tinham logrado desenvolver-se. Cotejando-se com os dados de produção do café, por áreas comparáveis, verifica-se que, com condições variáveis de produção e de evolução da cafeicultura, é de se esperar que as vilas, apesar da euforia generalizada que atingia toda a região, não pudessem dar a mesma impressão de desenvolvimento e progresso (MÜLLER, 1969, p. 55).

No fim do século XIX, o declínio do café provocou a migração da população rural para a área urbana, contribuindo para o processo de desenvolvimento regional, ainda no período da República Velha. Para Ricci (2006), foi neste período que Taubaté, Jacareí, Guaratinguetá e, posteriormente,

São José dos Campos se tornaram pioneiros da industrialização regional; momento em que houve uma melhora significativa na infraestrutura de transporte, propiciando o deslocamento da população rural para as regiões urbanas (REIS, 2006).

O sistema ferroviário implantado em 1875-1877 proporcionou o contato das grandes capitais, Rio de Janeiro e São Paulo, incentivando novas atividades econômicas e expandindo o comércio da região (RICCI, 2006).

Para Milton Santos (1997), com o fim do século XIX e, sobretudo no século XX, inicia-se a mecanização do território, onde o meio técnico substituiu o meio natural. Desde então este fenômeno metropolitano se processou a partir do surgimento de novos elementos constitutivos e, foi nesse período, que surgiram os mercados municipais na região. Na tabela 1 pode-se observar a relação entre o ano de fundação das cidades e o surgimento dos seus respectivos mercados municipais.

Tabela 1. Surgimento das cidades e seus mercados municipais.

Cidade	Ano Fundação da Cidade	Ano inauguração do Mercado
Guaratinguetá	1630	1889
Jacareí	1653	1906
Pindamonhangaba	1672	1947
São José dos Campos	1767	1896
Taubaté	1645	1889

Fonte: Elaboração das autoras a partir de dados das Prefeituras Municipais, 2019.

Outro grande marco para o desenvolvimento regional foi a implantação da Rodovia Presidente Dutra, em 1950. Com o novo eixo de ligação São Paulo- Rio de Janeiro, as cidades do Vale do Paraíba tomaram outras dimensões e os povoados vão ocupando suas margens, proporcionando o crescimento de novos núcleos urbanos.

Com a dinâmica do crescimento demográfico, atrelado a outros dispositivos proporcionados pelas mudanças conjunturais, os processos de desenvolvimento dos centros urbanos se dão de formas diferenciadas. Müller (1969) aponta que estes processos alteraram a configuração das cidades da região:

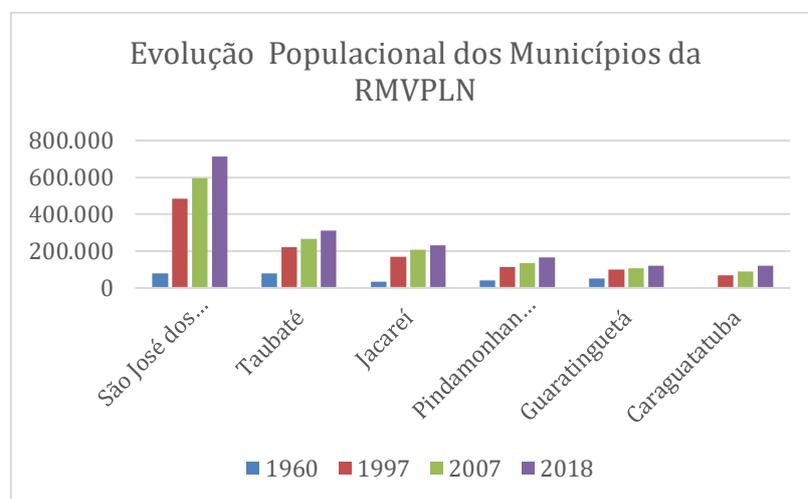
Materializados em espaços urbanos se dilataram em diferentes graus ou se estabilizaram, outros fatos ainda devem ser considerados dentro da problemática criada pela urbanização moderna. As cidades não aumentaram apenas de

população, não expandiram apenas seu espaço urbano. Ao evoluírem, de forma mais ou menos intensa, elas se modificaram, de modo mais ou menos pronunciado, e tendem a "modernizar-se", perdendo seus característicos de cidades coloniais (MÜLLER, 1969, p. 109).

Com as mudanças ocorridas entre os anos de 1940 a 1980 e o processo acentuado de urbanização, a paisagem sócio econômica altera as paisagens regionais. Nesse período, no Brasil, a população brasileira se multiplicou sete vezes e meia. Nos anos de 1980, a região Sudeste, onde o Vale do Paraíba está inserido, foi considerada a mais urbanizada (SANTOS, 1997).

Para delimitação deste estudo elegeu-se um recorte espacial de cinco municípios da RMVPLN com base nos seus índices populacionais, delimitados por posuírem mais de cem mil habitantes e por terem um mercado público tradicional na região. Dessa forma, as cidades delimitadas para o estudo foram: São José dos Campos (713.943 hab.), Taubaté (311.854 hab.), Jacareí (231.863 hab.), Pindamonhangaba (166.475 hab.) e Guaratinguetá (121.073 hab.). Caraguatatuba (119.625 hab.) apresenta um índice populacional acima de cem mil habitantes; no entanto, por não possuir um mercado municipal, foi eliminada do estudo (EMPLASA, 2012).

Gráfico 1 – Evolução da População dos Municípios com mais de 100.000 habitantes da RMVPLN.



Fonte: Elaboração das autoras a partir de dados do IBGE, (2019) e Müller, (1969).

O gráfico 1 apresenta os dados da evolução populacional das cidades em estudo com destaque para São José dos Campos, que teve o maior crescimento superando, inclusive, Taubaté que, em 1960, era considerada a mais populosa do Vale do Paraíba. Pode-se observar também que a cidade de Caraguatatuba, segundo os dados de Müller (1969), não fazia parte da região do Vale do Paraíba,

no ano de 1960. A partir de 1997, os dados populacionais desta cidade aparecem nas informações do IBGE.

O aumento populacional contribuiu para a elevação do consumo do mercado interno e incentivou o surgimento dos mercados municipais como locais de venda para atender a crescente demanda. A existência de um mercado no município significa a tentativa de reorganizar a circulação dos produtos e das pessoas nas áreas urbanas em crescimento (MARTINS, 2010).

Os mercados dos municípios destacados para estudo tiveram suas origens a partir de feiras livres e se mantiveram no mesmo local origem, com exceção do mercado de Pindamonhangaba, que atualmente se encontra em outra região da cidade. Silvana Maria Pintaudi (2006, p.84) enfatiza que esses espaços acabaram “materializando-se em construções porque a reprodução da vida na cidade e/ou região necessitava de um contínuo suprimento de víveres”.

3 SURGIMENTO DOS MERCADOS NAS CIDADES DA REGIÃO DO VALE DO PARAÍBA PAULISTA

Dialogar sobre o surgimento dos mercados nos remete à origem das cidades, MaxWeber (1973) afirma que é comum uma cidade ser fundada a partir da existência de um mercado; no entanto, não é qualquer mercado que transforma o lugar em uma “cidade”. Para Weber:

“Mercados periódicos e feiras anuais, nos quais em épocas determinadas se encontravam comerciantes de regiões distantes para trocar entre si suas mercadorias, ou colocá-las diretamente em mãos do consumidor, tinham lugar frequentemente em locais que hoje reconhecemos serem “aldeias” (WEBER, 1973, p.69).

Não há como visitar uma cidade e não conhecer seu mercado municipal. Nele, conhecemos os hábitos alimentares, a cultura e o dia a dia da população. O mercado tradicionalmente pode ser

entendido como um importante ponto de referência do ponto de vista sociológico e a sua existência vai além de um lugar de compra e venda de mercadorias. Os mercados “são lugares onde o ambiente social é muito pouco controlável por causa da extrema complexidade das relações aleatórias que aí se entremesclam” (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 1996, p.63).

No desenvolvimento socioeconômico da cidade, os espaços de troca sempre têm um papel importante, tanto na origem das cidades, quanto nas mudanças em seu entorno. Enquanto lugares, os mercados municipais foram se transformando com o processo de urbanização. Alguns foram eliminados, outros se modificaram, muitos resistiram às críticas, outros se reorganizaram e muitos se mantiveram fortalecidos por serem reconhecidos como lugares de pertencimento coletivo, lugares de tradição.

Estes lugares fazem parte da memória social das cidades. Maurice Halbwachs (2006) afirma que essa memória é legitimada por uma coletividade, enquanto uma construção espaço-temporal de ordem social. As cidades guardam em sua memória urbana edificações históricas, algumas de grande valor estético-cultural outras que podem ser consideradas rugosidades, que permanecem no contexto urbano, mas que, com o passar dos anos, vão transformando sua estrutura e não correspondem à sua função original.

No espaço do mercado municipal, as narrativas do cotidiano são interpretadas pelas dinâmicas do lugar e podem ser entendidas pela forma como os indivíduos frequentadores se estabelecem com o tempo e o espaço (FORTUNA, 1995).

O eixo-espaço temporal nos permite situar relações entre a cidade e o campo, e as suas transformações. No entanto, Henri Lefebvre (1999, p.38) afirma que “ele não retém todas, nem as contém totalmente”.

Para Edson Trajano Vieira (2009, p. 23), “o tempo e espaço são considerados as principais dimensões materiais da vida humana e estão interligadas na natureza e na sociedade”. Para ele estas dimensões estão sendo modificados pela tecnologia da informação e pelas formas de processo sociais, na atual transformação histórica (VIEIRA, 2009)

Os mercados municipais são considerados, por Celma Chaves Pont Vidal (2015), como lugares que são referências de vitalidade urbana. A autora reitera que:

Esses lugares são, sobretudo, referências de vitalidade urbana, que se reinventa, sobrevivendo às mudanças físicas, políticas e econômicas dos territórios onde estão instalados. Resistindo aos descasos das administrações, às crises das estruturas econômicas e às imposições de novos hábitos de consumo, os mercados continua sendo um lugar de urbanidade (VIDAL, 2015, p. 18-19).

Para Mateus de Moraes Servilha e Sheila Maria Doula (2009, p.129), “os mercados e feiras possuem trajetórias que não podem ser consideradas em uma história simples e linear, tendo em

vista as possibilidades de adaptação de suas dinâmicas socioeconômicas de coexistência entre o tradicional, o arcaico e o moderno lado a lado”.

Os mercados em estudo surgiram nos séculos XVIII e XIX e passaram por mudanças tanto em sua estrutura física quanto em seu entorno. As inserções dos mercados municipais nos municípios contribuíram para mudanças no cotidiano das populações e a sua presença atualmente representa um fato arquitetônico, social, econômico e urbanístico, reforçando a importância deste espaço como um local de memória, repleto de representações sociais de um povo (MARTINS, 2010).

Suas implantações desencadearam mudanças na malha urbana. Geralmente, os mercados eram localizados nos limites das áreas urbanas e rurais, de forma estratégica, para facilitar a circulação dos produtos e para marcar o primeiro contato entre a cidade e o campo. Em seu entorno houve a necessidade de melhorar a circulação e embelezar aquela área a qual a cidade voltava sua atenção (MARTINS, 2010).

As figuras 1, 2, 3, 4 e 5 mostram a localização dos mercados municipais das cidades de São José dos Campos, Taubaté, Jacareí, Pindamonhangaba e Guaratinguetá. Nessas figuras pode-se observar a imagem de cada mercado.

O Mercado Municipal de São José dos Campos foi inaugurado em 1896 e ocupava um terço da área do atual mercado. A figura 1 apresenta a localização e a imagem do novo Mercado Municipal, que teve sua construção iniciada em 1921 e foi concluído em 1923. De acordo, com a Fundação Cultural Cassiano Ricardo e Prefeitura de São José dos Campos, o edifício do atual mercado foi preservado em 1994 pelo Comphac por meio da Lei Municipal n.º 4595/94.

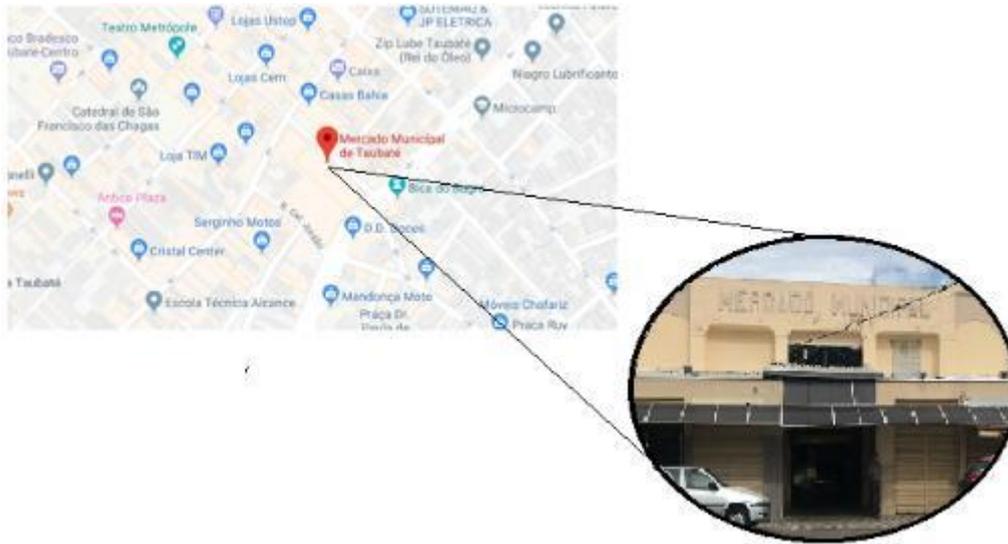
Figura 1: Localização Mercado Municipal de São José dos Campos



Fonte: Google Maps, adaptado pelas autoras, 2019

O Mercado Municipal de Taubaté foi inaugurado em 1889, em uma área conhecida como Tanque da Aguada. No ano de 1913, o antigo mercado foi demolido e, construído no mesmo local, o novo mercado. A figura 2 apresenta a localização e a imagem do novo Mercado Municipal, que teve sua construção iniciada em 1913 e foi concluído em 1915 (REIS, 2013). Nos anos de 1990, houve uma reforma para expansão da estrutura física. A prefeitura optou, na época, pela construção de uma cobertura metálica com estilo arquitetônico distinto do projeto do prédio, descaracterizando sua construção original. Atualmente seu espaço é palco de apresentações musicais clássicas, levando cultura à população (VALE NEWS, 2019).

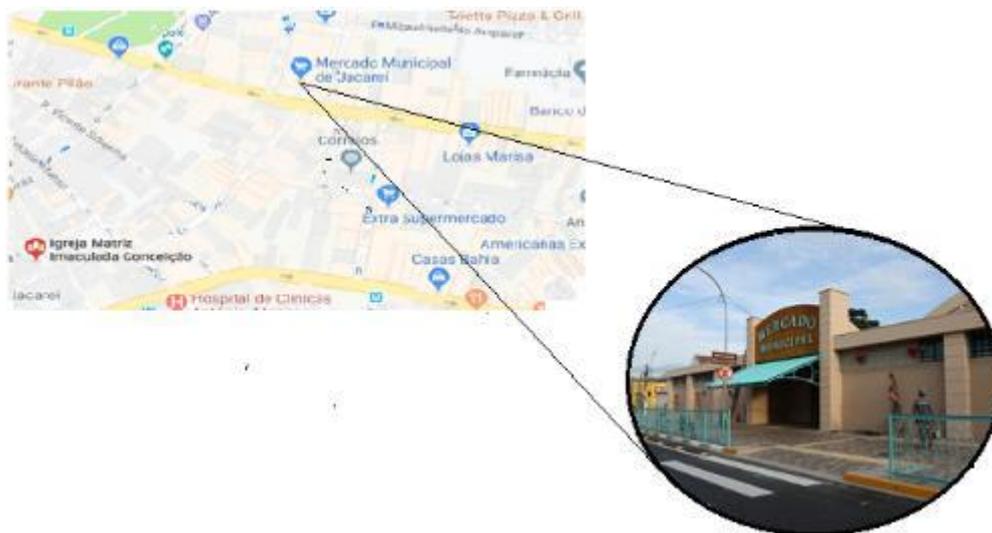
Figura 2: Localização Mercado Municipal de Taubaté



Fonte: Google Maps, adaptado pelas autoras, 2019

O Mercado Municipal de Jacaré foi inaugurado em 1906 e, a primeira grande reforma, ocorreu na década de 1920. A figura 3 apresenta a localização e a imagem do novo Mercado Municipal que ocupou o espaço do prédio antigo que não conseguiu sobreviver aos tempos modernos. Em 1959, foi demolido para dar lugar à atual construção, que foi aberta ao público em 1962.

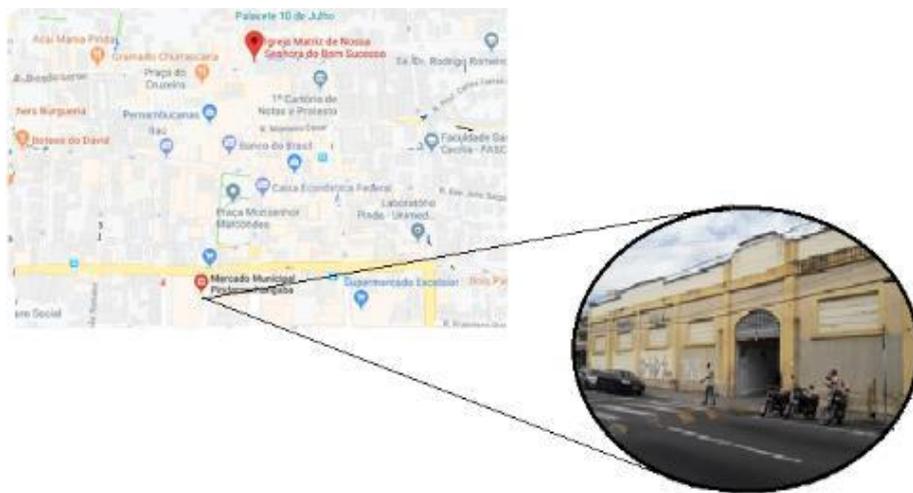
Figura 3: Localização Mercado Municipal de Jacaré



Fonte: Google Maps, adaptado pelas autoras, 2019.

O atual Mercado Municipal de Pindamonhangaba foi construído na década de 1940 e inaugurado em 1947. Desde sua inauguração, sua estrutura passou por várias reformas e melhorias, inclusive a construção da sua cobertura entre os anos de 2001/2004 (PIORINO FILHO, 2013). O atual é o segundo prédio do mercado. O primeiro mercado da cidade era localizado onde hoje é o Batalhão Borba Gato. A figura 4 apresenta a localização e a imagem do atual Mercado Municipal.

Figura 4: Localização Mercado Municipal de Pindamonhangaba



Fonte: Google Maps, adaptado pelas autoras, 2019

O atual Mercado Municipal de Guaratinguetá foi inaugurado em 1889 e tem como característica ser uma das construções mais antigas da cidade. Por ser considerado um espaço tradicional de compras pela população, sua estrutura receberá uma reforma neste ano. O projeto será inspirado na construção original, com arcos na entrada. O projeto visa a melhoria em sua estrutura para melhor atender a população, turistas e comerciantes. Na figura 5 pode-se observar a localização e a imagem do atual Mercado Municipal.

Figura 5: Localização Mercado Municipal de Guaratinguetá



Fonte: Google Maps, adaptado pelas autoras, 2019

Ao se analisar as figuras 1, 2, 3, 4 e 5 pode-se observar que os mercados municipais foram implantados nas áreas centrais das cidades. Esses espaços foram modificados ao longo dos anos, adaptando-se às dinâmicas do cotidiano nas cidades. Em seu entorno ainda se mantém alguns casarões do período de hegemonia do café. O arruamento ao redor desses mercados mantém as características de origem. Taubaté, com ruas estreitas e um traçado regular; Jacareí e Pindamonhangaba, mesclando em seu traçado uma relativa regularidade; Guaratinguetá em função de sua topografia apresenta um traçado bem irregular e São José dos Campos, a mais jovem cidade, apresenta uma certa regularidade em seu traçado com ruas mais largas (REIS, 2000). Uma característica comum a todas as cidades é a proximidade do mercado municipal com a Igreja Matriz, que desempenhava um papel importante na fundação de vilas e cidades. Em todas as cidades, o mercado fica localizado em um raio de no máximo 400 m da praça da matriz.

No contexto das cidades deste estudo, pode-se observar que os mercados municipais são espaços em constante modificações. Santos (2008) define o espaço como um produto social em constante processo de transformação. Para compreendê-lo, é necessário apreender sua relação com a sociedade. Dessa forma, há sempre uma mudança em seu contexto, em que as formas ou objetos geográficos assumem novas funções.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do objetivo de compreender as dinâmicas dos Mercados Municipais acredita-se que foi possível expor alguns reflexos causados pelo desenvolvimento urbano das cidades da região e o surgimento dos Mercados Municipais nas cidades em estudo. Teceram-se considerações sobre as mudanças nas suas arquiteturas e na organização espacial do seu entorno e também sobre as representações dos espaços como um lugar de representatividade sociais e culturais para a população.

É possível observar que os Mercados Municipais sempre se apresentaram como intermediador entre o campo e a cidade, por serem caracterizados como centros de comércio resultantes de cruzamentos de rotas comerciais. Weber (1973) reitera a importância dos mercados como um lugar de intercâmbio de mercadorias, “um local de mercado”, onde os habitantes trocam os produtos e satisfazem suas necessidades.

Os mercados públicos foram locais de trocas e venda de produtos da região a partir do século XIX e hoje “suas funções reforçam a continuidade no espaço, isto certamente se deve ao fato de poderem dialogar com outras formas comerciais mais modernas” (PINTAUDI, 2006).

Os mercados auxiliam na construção coesa da identidade cultural das cidades por meio dos símbolos associados aos produtos e possibilitam o intercâmbio e introjeção de símbolos e produtos vindos de fora da cidade à identidade do local onde eles se encontram.

Vale relatar que estes espaços se mantêm atuantes, apesar de não ter mais a mesma importância relativa à atividade que exercia para a cidade no passado, estes mercados permanecem por algumas razões, por ser um lugar de memória de representatividade para a população, onde os frequentadores antigos permanecem utilizando estes locais para as compras semanais, considerando que nestes mercados pode-se encontrar produtos com excelente qualidade.

Por fim, é notório que o poder público não apresenta política de preservação e intervenção na estética e arquitetura dos prédios destes mercados e seus arredores, promovendo uma revitalização arquitetônica nestas áreas. A exceção, é para o Mercado Municipal de São José dos Campos, pois seu edifício foi preservado por Lei Municipal em 04 de julho de 1.994, como Elemento de Preservação Nível 2. Essa negligência no tombamento da estrutura física desses Mercados pode



auxiliar no processo de fragmentação simbólica, desassociando os Mercados à história das cidades e seu papel como intermediador de coesão cultural. como centro de o poder público das cidades.

5 REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano: 2. Morar. Cozinhar.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. 372p.

EMPLASA, Estado de São Paulo (2012). **Lei Complementar nº 1.166/12, de 09 de janeiro de 2012. Cria a Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, e dá providências correlatas.** São Paulo: Estado. Disponível em

https://www.emplasa.sp.gov.br/Cms%20Data/Sites/EmplasaDev/Files/Conselhos/Vale/Textos/LI%20COMPLEMENTAR%201166_9JAN2012_VALE.pdf Acesso em: 10 de abril de 2019.

PIORINO FILHO, Francisco **Fatos e Fotos:** de Pindamonhangaba Antiga. Pindamonhangaba: Editora São Benedito, 2013. 109p.

FORTUNA, Carlos. **Por entre as ruínas da cidade:** o patrimônio e a memória na construção das Identidades Sociais. Coimbra: Oficina do CES, 1995. Disponível em

<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/10961/1/Por%20Entre%20as%20Ru%20c3%adnas%20da%20Cidade.pdf> Acesso em: 10 de abril de 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. 222p.

LENCIONI, Sandra. O processo de metropolização do espaço: Uma nova maneira de falar da relação entre Metropolização e Regionalização. In: SHIFFER, Sueli Ramos (Org.). **Globalização e Estrutura Urbana.** São Paulo: Fapesp, 2004. p. 153-165.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. 178p.

MARTINS, Valter. **Mercados Urbanos, transformações na cidade: abastecimento e cotidiano em Campinas, 1859-1908.** Campinas: Editora Unicamp, 2010. 383p.

MÜLLER, Nice Lecoqc. **O fato urbano na bacia do rio Paraíba - Estado de São Paulo.** Rio de Janeiro: IBGE, 1969. 375p.

PINTAUDI, Silvana Maria. **Os mercados públicos: metamorfoses de um espaço na história urbana.** CIDADES, v. 3, n. 5, p. 81-100 jun/set 2006. Departamento de Planejamento Universidade Estadual Paulista. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/viewFile/505/537>. Acesso em 31 de maio de 2019.

REIS, Hélio Monteiro dos. **Tanque da Aguada:** A história do Mercado Municipal de Taubaté. Taubaté: Gráfica Santuário, 2013. 127p.

REIS, Nestor Goulart. **Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial**. São Paulo: Editora USP/FAPESP, 2000. 212p.

_____. **Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano**. São Paulo: Via das artes, 2006. 201p.

REIS, Nestor Goulart; BENTES, Júlio Cláudio da Gama. **Urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano: estudos, diálogos e desafios**. Porto Alegre: Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2016. Disponível em <https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-4/SESSAO%2045/S45-00-OULART%20REIS,%20N;%20GAMA%20BENTES,%20J.pdf> Acesso em 02 de julho de 2019.

RICCI, Fábio. **A economia cafeeira e as bases do desenvolvimento no Vale do Paraíba paulista**. Juiz de Fora: Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada. Vol 1 nº 1, 2006. Disponível em <http://www.ufjf.br/heera/files/2009/11/artigo02.pdf> Acesso em 31 de maio de 2019.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Editora HUCITECH, 1993. 174 p.

_____. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 190 p.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2008. 118p.

SANTOS, Milton.; SILVEIRA, Maria Laura **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2006. 473p.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (Município). Lei Municipal 4595/94, de 04 de julho de 1.994, como Elemento de Preservação Nível 2 Inclui na categoria de elemento de preservação EP-2 o edifício que abriga o Mercado Municipal de São José dos Campos. Jornal Boletim do Município. São José dos Campos, n. 1049, 1994.

SERVILHA. Mateus de Moraes; DOULA, Sheila Maria. **O mercado como um lugar social: as contribuições de Braudel e Geertz para o estudo socioespacial de mercados municipais e feiras**. Cascavel: Revista Faz Ciência, v.11, n.13 jan./jun. 2009, pp. 123-142. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/7610> Acesso em 02 de julho de 2019.

SINGER, P. **O capitalismo: Sua evolução, sua lógica e sua dinâmica**. São Paulo: Moderna, 1996. 87p.



VALE NEWS, Projeto de música erudita inicia 4ª edição em Taubaté. Disponível em <http://valenews.com.br/2019/05/29/projeto-de-musica-erudita-inicia-4a-edicao-em-taubate/>.

Acesso em 15 de agosto de 2019.

VIDAL, Celma Chaves Pont. Os mercados públicos e a História da cidade: Belém no final do século XIX e início do século XX. In: LEITÃO, Wilma Marques (org). **Ver-o-Peso**: Estudos antropológicos no mercado de Belém. Volume II. Belém: Paka-Tatu, 2015. p. 17-37.

VIEIRA, Edson. Trajano. Industrialização e Políticas de Desenvolvimento Regional: o Vale do Paraíba paulista na segunda metade do século XX. Tese de Doutorado em História Econômica. USP, 2009.

WEBER, Max. Conceito e categorias da cidade. In: WEBER, Max (coautor) et al.; VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1973. p. 68-89.